

A construção do “sujeito terraplanista” a partir do design total

The construction of the “flat earth subject” from the total design

Fernanda Sancho Lopes¹

Felipe Cardoso de Mello Prando¹

Marcos Namba Beccari¹

Resumo

O presente artigo propõe uma análise da construção de sujeitos a partir da ideia de um design total, como proposto por Hal Foster (2002). Tal análise se delimita no sujeito terraplanista, adepto do movimento pseudocientífico, com foco na figura de Mark Sargent como protagonista do documentário *A Terra é Plana* (2018). Para tanto, é realizada uma breve contextualização sobre a teoria terraplanista e o documentário, seguida de uma análise com base no método arqueológico foucaultiano para identificar os processos de construção de sujeitos, bem como a referência ao design total através de elementos que compõem característica e visualmente a pseudociência da Terra Plana.

Palavras-chave: terraplanismo, sujeitos, design total.

Abstract

This article proposes an analysis of the construction of subjects based on the idea of a total design, as proposed by Hal Foster (2002). This analysis is limited to the flat-earth subject, a follower of the pseudoscientific movement, focusing on the figure of Mark Sargent as the protagonist of the documentary *Behind The Curve* (2018). To this end, a brief contextualization of flat earth theory and documentary is carried out, followed by an analysis based on the Foucaultian archaeological method to identify the processes of construction of subjects, as well as the reference to total design through elements that make up characteristically and visually Flat Earth pseudoscience.

Keywords: flat earth, subject, total design.

¹ Universidade Federal do Paraná, Curitiba/PR

Introdução

O terraplanismo, enquanto movimento pseudocientífico, foi originado no século XIX, a partir das publicações de Samuel Rowbotham que, na contramão de um consenso de mais de dois mil anos, decidiu empreender em um experimento para provar a teoria de que a Terra seria plana. Rowbotham posicionou um telescópio 20 cm acima do nível do rio Old Bedford (em Cambridge, no Reino Unido), e alocou uma bandeira no mastro de um barco, que navegaria na direção oposta ao telescópio. Se a Terra fosse realmente esférica, o mastro e, conseqüentemente, a bandeira deveriam desaparecer à medida que o barco se afastasse. Rowbotham, entretanto, afirmou ao final do experimento que conseguiu visualizar não somente a bandeira, mas o barco inteiro durante todo o percurso (um trecho de aproximadamente 9,7km). Em 1849, Rowbotham transformou suas hipóteses e seus experimentos em uma publicação, que mais tarde expandiu para um livro intitulado *Zetetic Astronomy: the Earth is Not a Globe* (ROWBOTHAM, 2017). Rowbotham foi rapidamente refutado por Alfred Wallace, pesquisador conhecido pela parceria com Charles Darwin na elaboração da teoria da evolução das espécies. Wallace demonstrou que o principal erro de Rowbotham foi desconsiderar a refração atmosférica, na qual a densidade do ar interfere na passagem de luz e, conseqüentemente, na visualização de objetos à distância (GARWOOD, 2007).

A partir do embate público com Wallace e outros cientistas, a teoria de Rowbotham se popularizou e angariou diversos adeptos. Em 1870, Rowbotham criou a *Universal Zetetic Society*, situada no Reino Unido e nos Estados Unidos, com intenção de expandir suas ideias para novos públicos. Todo o trabalho produzido nesta época corrobora até hoje os movimentos terraplanistas, sobretudo os mais recentes como a *Flat Earth Society*, e pequenos grupos localizados que realizam eventos para divulgação da teoria e confraternização entre membros, como a primeira convenção de terraplanistas que ocorreu em 2019 em São Paulo². Em um documentário disponibilizado em 2019 na Netflix, a visão dos terraplanistas é ponto de partida no acompanhamento de um grupo que organiza a primeira Conferência Internacional da Terra Plana, nos Estados Unidos.

É possível identificar, portanto, que, desde seu início no século XIX, o terraplanismo representa um movimento em comunidades, como as que Rowbotham participava e de onde originaram as organizações por ele fundadas, que atualmente reverberam em diversas localidades ao redor do globo pela expansão da comunicação após a internet. Sob essa perspectiva, cabem as indagações de como se constituem os sujeitos que se entendem como terraplanistas. E, para além, é possível identificar relações do design na constituição desses sujeitos?

A fim de elucidar tal questionamento, o presente artigo apresentará, a seguir, as noções de construção de sujeitos, como discutidas por Foucault (2006), assim como a ideia de um design total como definida por Foster (2002) e explorada por Beccari (2020). Por fim,

² Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2019/11/convencao-em-sao-paulo-reune-quem-duvida-de-que-a-terra-seja-redonda.shtml>. Acesso em 13 de jul. 2023.

este artigo apresenta em sua discussão as conexões intercaladas entre tais definições na figura de Mark Sargent, terraplanista protagonista do documentário *A Terra É Plana*, produzido em 2018 pela Delta-v Productions, e lançado em 2019 na Netflix³. O documentário, segundo a produtora, explora “a psicologia da crença e responde à questão de por que evidências simples às vezes não são suficientes”⁴, ao acompanhar um grupo de terraplanistas na organização de sua primeira grande conferência, liderados por Mark Sargent.

Procedimento metodológico

A abordagem metodológica adotada para esta pesquisa tem base no método arqueológico foucaultiano (ESCOBAR; SILVA; BECCARI, 2021), alinhado à esfera dos discursos *por meio do design*, como definidos por Rati e Beccari (2020), que compreende o design como veículo discursivo. Na arqueologia foucaultiana, os artefatos de design são investigados a partir de recortes em determinados contextos sobre as construções discursivas que permitiram determinado discurso ser compreendido como tal (FOUCAULT, 2008). Ao invés de enxergar os vestígios discursivos como documentos que corroboram uma linearidade histórica – abordagem comum aos moldes tradicionais da história –, o método arqueológico se debruça sobre as relações entre enunciados distintos, identificando os discursos que derivam dessas relações, sem buscar uma origem ou se deter a autores, pois não se pretende neste estudo colocar o sujeito designer como objeto a ser analisado. Desse modo, a arqueologia não busca investigar tais artefatos como provas de uma verdade ou história, mas como monumentos a serem “isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjuntos” (Foucault, 2008, p.8), a fim de organizá-los numa “composição de histórias singulares” (ESCOBAR; SILVA; BECCARI, 2021, p. 1389).

Embora não exista uma estrutura sistematizada para uma análise arqueológica, ela se organiza em quatro princípios descritos por Foucault (2008): (1) a arqueologia não busca sentidos ocultos ou alegóricos, mas sim definir as práticas que constituem o discurso; (2) a arqueologia busca demonstrar as regras que constituem o discurso como tal, considerando que o discurso é mutável, mas sem deter o foco em tais mudanças ou transformações; (3) o vestígio não é tratado isoladamente, mas compreendido em relação a outros na “rede de causalidades” que possibilitam os discursos; e (4) a arqueologia não busca a origem seja do enunciado ou do discurso, ao invés de montar um panorama histórico do discurso, a

³ Atualmente o documentário não consta mais disponível no catálogo brasileiro da Netflix, mas integra o catálogo de outros streamings, conforme as informações no site oficial, disponível em: <https://www.behindthecurvefilm.com/>. Acesso em 24 de jul. 2023.

⁴ Sinopse disponível no site oficial do documentário. No original “incisive dive into the psychology of belief, and answers the question of why simple evidence sometimes isn’t enough.” Disponível em <https://www.behindthecurvefilm.com/>. Acesso em 24 de jul. 2023.

arqueologia busca mapear nos vestígios as relações e práticas que constroem a noção compreendida pelo discurso, a fim de poder analisar criticamente tais noções (pp. 157-158). Tais princípios foram organizados e estruturados em diretrizes por Rati (2021), de forma a auxiliar na organização das etapas, mas ainda viabilizando o processo fluido e assistemático da proposta foucaultiana. As etapas são, respectivamente: (1) reconhecimento, na qual o objeto é explorado em seu conteúdo, no caso desta pesquisa na decupagem do documentário⁵ e na contextualização do movimento terraplanista; (2) dispersão, na qual se efetua uma busca por referências externas a partir dos vestígios obtidos na etapa anterior, neste caso sobre a constituição de sujeitos e o design total; e (3) ligamentos, a etapa na qual as referências da dispersão são relacionadas entre si e discutidas a fim de responder as perguntas que originaram a análise.

Desenvolvimento

A construção do sujeito

Em *A hermenêutica do sujeito*, Foucault (2006) discorre sobre a constituição dos sujeitos e seus modos de subjetivação, que podem ser distinguidos em dois sentidos. O primeiro é um conceito amplo, relacionado às condições que formam e modificam as relações entre sujeito e objeto, nos chamados “jogos de verdade” cujas regras determinam o que diz o sujeito entre o verdadeiro e o falso. Neste sentido, o sujeito surge como “objeto de uma determinada relação de conhecimento e poder” (CASTRO, 2009, p.408). O segundo sentido é mais restrito, e diz respeito à constituição de um sujeito moral, pela atividade sobre si mesmo, que pode carregar um “código de comportamentos” comum à moral (tal como as leis, na forma jurídica), e que possui elementos dinâmicos como as técnicas, exercícios e práticas de elaboração da relação do sujeito consigo mesmo (CASTRO, 2009). Através da análise sobre as sociedades grega e romana, Foucault (2004) traça a transformação de um sujeito ético em um sujeito moral. Enquanto o primeiro possuía a capacidade de se constituir individualmente, numa “arte de si mesmo” ou “estética da existência” – ainda que balizado pela sua própria cultura e tempo, os quais forneciam os meios para o indivíduo desenvolver as técnicas do cuidado de si (VEYNE apud BECCARI, 2020, p.140) –, o segundo se constituía por um conjunto determinado de normas, que exprimiam mais o sujeito sob a vontade de outro (por exemplo Deus, no cristianismo) do que à sua própria vontade (FOUCAULT, 2004, p. 290).

A partir do exemplo de *Fausto*⁶, citado por Foucault, Beccari (2020) assinala que em suas diferentes representações (tanto a de Christopher Marlowe quanto a de Goethe) ele é retratado como um “personagem inconformado”, ou um “livre pensador”. Tal liberdade de pensamento é originada na ação de distinguir-se de uma racionalidade com a qual está inconformado, de forma que ele “não apenas busca pensar por si mesmo, mas antes decide

⁵ Em razão da extensão do processo de decupagem, que consiste na descrição de todo o documentário, esta etapa não foi registrada neste trabalho.

⁶ Fausto é um personagem mitológico de uma lenda alemã, que teria feito um pacto com o demônio em troca de conhecimento e vida eterna.

que é necessário não mais pensar como os outros” (BECCARI, 2020, p. 140). Entretanto, o autor aponta que o indivíduo, ao questionar a verdade inscrita na racionalidade, ainda está inserido nela, pois os modos de pensar que constituem o sujeito também incluem a indagação, inconformidade e revolta. O que incita o indivíduo a pensar de tal maneira (em oposição à racionalidade) reside – nos termos de Nietzsche e Foucault – na vontade de verdade, um desejo que atribui valor ao que queremos, justificando que o que queremos é a verdade.

Design total

Em *Design e Crime* (2002), Hal Foster apresenta a ideia de um design total, com referência à noção de arte total a partir do *Art Nouveau* entre o final do século XIX e início do século XX, movimento que integrava todas as categorias do projeto nas mais diferentes áreas, de forma que todo o tipo de objeto incluía a ornamentação floreada. O autor traça o argumento a partir do resgate do texto *Ornamento e Crime* (1913), de Adolf Loos – de onde parte a alusão ao nome do livro –, com intensa crítica ao *Art Nouveau* e ao ornamento, que fundamentam a crítica modernista às artes decorativas. Foster (2002) argumenta que a integração proposta pelo *Art Nouveau*, entre “arte e vida”, numa totalidade, é tida como uma “catastrófica perda de limites” (FOSTER, 2002, p.15, tradução nossa), para Loos. O livro de Foster (2002), entretanto, traça uma similaridade entre o *Art Nouveau* e o modernismo, em relação aos objetos, considerando que o primeiro desejava imbuir a arte aos objetos utilitários e o segundo propunha elevar ao nível de arte os objetos utilitários (BECCARI, 2020, p.78). Foster (2002) argumenta que atualmente (no século XXI) tal integração entre estético e utilitário é tão difusa que o debate não somente reacende como adquire novas reflexões, considerando que a fusão entre os dois campos ultrapassa o próprio objeto, de forma que tudo “parece ser considerado design”⁷ (FOSTER, 2002, p. 17, tradução nossa).

Sob esta premissa, Foster (2002) constata que o design total, resgatando o desejo do *Art Nouveau* de imbuir tudo com arte, atua na identificação do sujeito consumidor com os signos a ele oferecidos, pela característica de signo-mercadoria potencializada a partir dos anos 1920, com a influência da Bauhaus, que determina o design como elemento chave desta nova economia política, de forma que o design dissemina um “modo de vida neoliberal” pelos valores associados ao *Art Nouveau* (BECCARI, 2020). Tal economia se baseia não na diversificada e massificada produção de objetos, sejam utilitários ou artísticos, mas na construção de um valor real conferido ao objeto que embrulha o produto em valores, como inteligência e cultura, de forma que o objeto é tão somente um veículo para o produto real: os valores a ele conferidos. Entretanto, a proposta de Foster (2020) não trata do consumo, mas de como os objetos de consumo materializam certa personalidade dos sujeitos. Resumidamente, a proposta de um “design total” descreve uma forma de integração do design em todas as instâncias da vida cotidiana, de modo que,

⁷ Beccari (2020) salienta que, para Foster (2002), design não diz respeito à disciplina nem a profissão de designers, mas sim sobre a amplitude de uso do termo como “design de cidades, design de museus, design de corpos” (p.78).

como resume Beccari (2020): “valores e ideias não se sustentam mais (se é que um dia já se sustentaram) sem um design que lhes confere visibilidade e materialidade.” (p.94).

O sujeito terraplanista

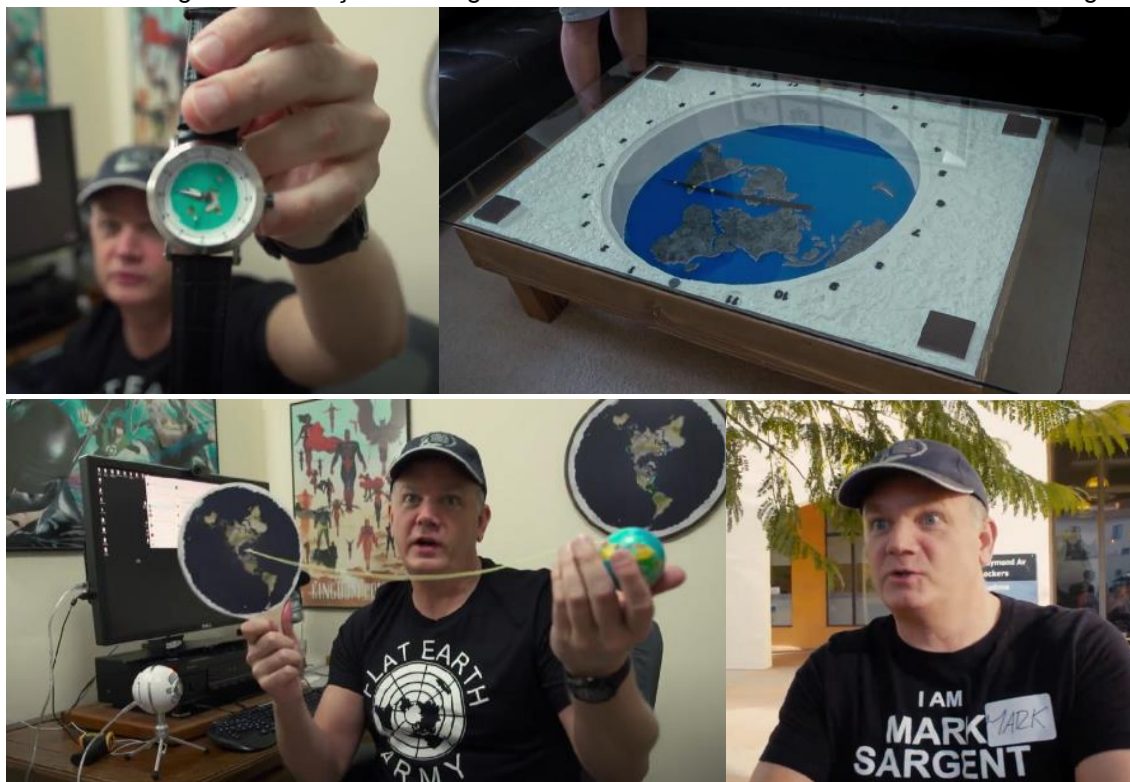
Lançado em novembro de 2018, o documentário *A Terra é Plana* (no original, *Behind The Curve*), foi produzido pela Delta-v Productions e alcançou grande público quando foi disponibilizado na plataforma de streaming Netflix, em 2019. O documentário acompanha um grupo de terraplanistas na preparação da primeira Conferência Internacional da Terra plana, e explora “a psicologia de como podemos acreditar nas coisas diante de evidências esmagadoras” (DELTA-V PRODUCTION, 2018, tradução nossa). O personagem principal da história apresentada é Mark Sargent, sob a alcunha de “o Rei da Terra Plana”, de Whidbey Island, em Washington. Sargent é conhecido nas redes sociais pela sua ativa produção de vídeos, com milhões de visualizações, sobre a teoria terraplanista. Por essa razão, Sargent é reconhecido como um precursor dessa nova onda do terraplanismo – elevada e disseminada a partir das redes sociais.

O reconhecimento de Sargent é demonstrado durante todo o documentário, mas é exposto principalmente na sequência final que apresenta a Conferência Internacional da Terra Plana (ocorrida em 2017 na Carolina do Norte), a qual ele ajudou a organizar e apresentar. Sargent é abordado pelas pessoas com pedidos de autógrafos e fotos, ganha presentes de seus admiradores e ouve, diversas vezes, que foi através dele que encontraram a teoria da Terra Plana. Durante todo o documentário, Mark Sargent usa camisetas relacionadas ao movimento terraplanista – produções próprias que ele também vende durante a Conferência – sendo a mais emblemática a que apresenta a escrita “Eu sou Mark Sargent” (Figura 1). Antes de dedicar sua vida ao terraplanismo, Sargent trabalhava como analista de softwares e competia em jogos de videogame. Após o terraplanismo, Sargent alçou o status de celebridade e autoridade no movimento, numa “permanente elaboração artística (tékhne) que faz do “si” o objeto e resultado de toda uma ascese (askésis)” (BECCARI, 2020, p. 143).

Mark Sargent elabora a si mesmo a partir de um pressuposto de liberdade: ele livra-se da ciência e busca outras fontes que corroborem com a sua vontade de verdade. Livrar-se da ciência permite que Sargent ascenda como uma autoridade sobre a teoria da Terra Plana, visto que não há regulamento ou norma a qual ele deva se submeter. O terraplanista, desta forma, constitui-se como um sujeito que opera pela “estética da existência” em oposição às regras institucionalizadas na ciência que constituem um sujeito moral. Entretanto, tal teoria é inscrita na norma científica, pois só é possível existir mediante à negação do consenso científico, de modo que o terraplanismo “não escapa à racionalidade contra a qual se opõe. Pois a indagação e a revolta são também meios de assimilar certo modo de pensar” (BECCARI, 2020, p.139). Ainda, as práticas científicas se fazem presentes no movimento, quando, por exemplo, são realizados experimentos para provar a suposta não curvatura da Terra, que logo são descredibilizados pelos seus próprios

proponentes ao não apresentarem os resultados almejados – aqueles que testemunhem sua vontade de verdade.

Figura 1 – Seleção de imagens de itens temáticos da Terra Plana de Mark Sargent.



Fonte: A Terra É Plana (2018)

Mark Sargent se cerca de todo o tipo de representação da suposta planicidade terrena. A padronagem conhecida, dos vastos oceanos banhando porções irregulares de terra, é aplicada em diversos objetos, que servem como vestimenta, decoração e presentes. Ao mostrar alguns dos itens que possui com a temática do movimento (Figura 1), Sargent diz que tais objetos suavizam a imagem conspiratória estereotipada que as pessoas possam ter do movimento terraplanista, porque objetos bem confeccionados que integram o ambiente, seja um relógio ou uma mesa, trazem boas sensações e “energias positivas” (A TERRA É PLANA, 2018). Para além de objetos comuns do dia a dia, os terraplanistas colecionam dioramas de modelos da Terra Plana (Figura 2), seja como objeto decorativo ou didático. O artesão Chris Pontius – personagem do documentário que produz artesanalmente dioramas de diversos modelos de Terra Plana – explica que queria contribuir de alguma forma com o movimento, mas não era muito bom em conversar com câmeras e gravar vídeos. Por essa razão, uniu suas habilidades artesanais com o ofício de confecção dos modelos, e garante que explicar a teoria da Terra Plana a partir de um diorama a torna muito mais compreensível (A TERRA É PLANA, 2018).

Figura 2 – Dioramas da Terra Plana confeccionados por Chris Pontius.



Fonte: A Terra É Plana (2018)

É possível perceber que, de certo modo, os objetos da Terra Plana mantêm um caráter artesanal – principalmente nos dioramas de Chris Pontius. Em vista de serem produções pequenas, situadas em pequenos grupos de consumidores que, como no exemplo do documentário, vez ou outra se encontram em eventos específicos, esses objetos revelam o exercício ativo de produzir imagens que ressoem os ideais do movimento terraplanista. A relação da arte com as diferentes formas e visões de mundo, bem como a noção de uma transparência dos valores de cada sociedade através da arte que produz, é tema abordado na história do design, suscitada principalmente pela ideia do revivalismo, articulado por Augustus Pugin, John Ruskin e William Morris, na Inglaterra do século XIX (WILLIAMS, 2011). Segundo Raymond Williams (2011), o revivalismo sugere que a arte reflete o estado espiritual e moral da sociedade, sendo necessário, portanto, um resgate de uma arte passada na reconstrução de uma sociedade maculada – num momento em que a estética era compreendida como diretamente relacionada às questões morais e sociais. Sob tal conceito, os três ingleses defendiam um revivalismo medieval pautado principalmente na arquitetura enquanto manifestação artística, que para Pugin representava em sua própria história a história do mundo (WILLIAMS, 2011). O caráter instrucional e didático dos modelos de Pontius – que segundo o próprio artesão ajudam a compreender a teoria terraplanista – também dialoga com certa objetividade do projeto moderno do design, percebido historicamente na crítica contra o ornamento⁸.

No início do documentário, Sargent mostra à câmera a placa personalizada de seu carro com a escrita “ITS FLAT” (em tradução livre: é plana) (Figura 3). Com orgulho, ele alega ter sido um dos primeiros a personalizar uma placa com mote terraplanista, tendência que seus seguidores perpetuaram em diversas customizações da frase. Desse modo, Sargent divulga o movimento e se faz identificar como um sujeito terraplanista em vias públicas, de forma que se faça visível para outros como ele. Tal intenção também é

⁸ Beccari (2020) delinea um panorama histórico, a partir de Foster (2002), para discutir a noção do design como superação do ornamento, pela ótica do modernismo, mas defende que o design ainda opera numa racionalidade ornamental. Ver em: BECCARI, Marcos. Do ornamento ao design. In: _____. Das coisas ao redor: discurso e visualidade a partir de Foucault. São Paulo: Almedina, 2020. p. 75-94.

representada pelas camisetas personalizadas que Sargent usa durante todo o documentário. Beccari (2020), a partir da leitura de Foster (2002), explica que o consumo das lojas de departamento foi exponenciado a partir da implementação de grandes vitrines, que se tornaram possíveis após o avanço na produção de vidro, permitindo que produtos antes escondidos nas prateleiras pudessem integrar os ambientes públicos – como parques, cafés e teatro – em exposição direta à rua (BECCARI, 2020, p.87). Essa transformação do espaço público acaba por criar também uma nova forma de “estar em público”, de modo que, segundo Sennett (2014), a personalidade dos indivíduos passou a ser externalizada tanto nos bens de consumo como nas atividades públicas. Sob estes aspectos, Beccari (2020) demonstra que, para Foster (2002), o design concretiza tal materialização da personalidade, pela “aspiração oitocentista de uma arte total”, pautando como vivemos, nos relacionamos e nos comportamos, de modo que a “totalização” do design total promove “integração de todas as dimensões da vida humana, compondo assim uma *racionalidade*” (BECCARI, 2020, p. 89, grifo original).

Figura 3 – Foto da placa personalizada de Mark Sargent (à esquerda), e imagem de placas de outros lugares, influenciados por Sargent (à direita).



Fonte: A Terra É Plana (2018)

A Conferência da Terra Plana que toma as sequências finais do documentário expõe a vida pública e coletiva dos terraplanistas – que até então era mostrada situada em seus respectivos lares, uns distantes dos outros. É possível identificar a influência de Mark Sargent em outros integrantes que usam, desde suas camisetas personalizadas ao gesto “stay flat” (“fique plano”, em tradução livre), que fazem como cumprimento. A terra esférica aparece como elemento cômico, quando é usada como fantasia por um personagem do documentário no evento, e quando é dada a Sargent para ser autografada por um seguidor de seu trabalho na internet (Figura 4). Além disso, os demais personagens terraplanistas do documentário também exercem, cada um à sua maneira, uma elaboração de si como “estética da existência”, principalmente em meio à vida pública, onde tomam seus papéis dentro do terraplanismo e materializam suas personalidades através dos objetos que os

referenciam⁹. Conforme assinala Beccari (2020), tal elaboração permanente de si (ou o “design de si”) é a característica que constitui o sujeito enquanto tal, de modo que toda a atividade dos terraplanistas – de seus vídeos nas redes sociais às suas camisetas e relógios da Terra Plana – demonstra a permanente atividade de elaboração desses sujeitos enquanto terraplanistas, da primeira à última cena.

Figura 4 – Globo terrestre sendo assinado por Mark Sargent (à esquerda). O terraplanista Nathan Thompson fantasiado de Terra esférica na Conferência Internacional da Terra Plana, fazendo o gesto “stay flat” (à direita).



Fonte: A Terra É Plana (2018)

Nas cenas finais da Conferência, Sargent se veste com trajes de gala para apresentar uma premiação no evento. Enquanto se prepara, diz para a câmera que mesmo se ele quisesse sair do movimento terraplanista não conseguiria, pois muitas pessoas não o deixariam fazer isso. Essa frase é intercalada com a fala do psicólogo Dr. Per, que diz “Vira uma questão de identidade. Quem sou eu neste mundo?”, ao que outro corte de cena, que retoma a Sargent, indiretamente responde: “Você é o centro do universo, você é a estrela do show” (A TERRA É PLANA, 2018).

Conclusões

Este artigo teve como objetivo investigar a constituição do sujeito terraplanista a partir da ideia de um “design total”, como proposta por Foster (2002) e explicada por Beccari (2020). A partir de uma breve contextualização de origem do movimento terraplanista, que fundamenta os movimentos atuais – reavivados pelas redes sociais –, foi possível identificar que existe uma coletividade que se agrupa a partir de semelhantes atividades e objetos que transparecem o movimento terraplanista. Sob tais hipóteses, o presente trabalho toma

⁹O próprio documentário atribui alcunhas aos personagens terraplanistas principais, de forma que tais percepções de construção de uma identidade atrelada ao terraplanismo, neste caso, acabam encadeadas pelo próprio filme, que decide mostrar as atividades de cada um desses personagens de acordo com as suas posições. Além de Mark Sargent ser denominado como “Rei da Terra Plana”, há também Patrícia Steere como “a entrevistadora”, Nathan Thompson como “o evangelista”, Chris Pontius como “o artesão”, Bob Knodel como “o engenheiro” e Jeran Campanella como “o experimentador” (A TERRA É PLANA, 2018).

como objeto de análise o terraplanista Mark Sargent, através do documentário *A Terra É Plana* (2018), que apresenta um grupo de terraplanistas no dia a dia, até a organização de um evento internacional sobre o tema. Por meio de uma análise arqueológica com base no método foucaultiano (ESCOBAR; SILVA; BECCARI, 2021), foram identificados os aspectos de construção de sujeito na fase de dispersão, após o reconhecimento do conteúdo do documentário. Na fase de ligamentos foram propostas as análises a partir de Michel Foucault (2006) sobre a constituição de sujeitos, e de Hal Foster (2002) sobre o design total, ambos explorados também a partir de Marcos Beccari (2020).

A análise demonstrou que é possível identificar no documentário uma trajetória da constituição de um sujeito terraplanista, principalmente através de Mark Sargent, mas que também ressoa nos personagens coadjuvantes da história, cada um elaborando a si mesmo como integrante distinto dentro do movimento. Tal elaboração é vista a partir da “estética de existência”, que compreende um sujeito constituído fora de normas, de modo a advogar por um “livre pensamento” que, nesse caso, se liberta das instituições e normas científicas, não negando as práticas das ciências, mas suscitando que o seu modo de fazer ciência é o mais correto, partindo do pressuposto de que a ciência hegemônica é contaminada por interesses escusos de determinadas instituições (característica comum nas teorias da conspiração). A constituição do sujeito terraplanista demanda uma permanente elaboração de si mesmo, apoiada pela ideia de um “design total”, que configura uma totalização do design sob o modo de vida dos indivíduos, aqui materializados principalmente pelos objetos que retratam a Terra Plana, que os terraplanistas utilizam para se denominar, vestir, dirigir, presentear e comunicar. Deste modo, é notável como a perspectiva do design total auxilia na compreensão de agrupamento e disseminação de uma pseudociência, que ultrapassa questões retóricas que podem ser vinculadas ao design enquanto disciplina ou atividade profissional e, portanto, não se delimita em tais aspectos retóricos na busca de uma “solução”. À grosso modo, não é uma técnica de design da informação aplicada ao conteúdo sobre a esfericidade terrestre que mudará a percepção de um terraplanista, afinal, para ele o movimento não se trata de uma disputa científica, mas de uma atividade de elaboração da própria personalidade. Para além das percepções aqui elencadas, também cabe pontuar que a imagem e a dimensão da visualidade possuem papel importante no processo de elaboração desses sujeitos, pois, consequentemente, desenvolvem papel fundamental na atividade de produção das pseudociências.

Sob estas conclusões, esta breve análise demonstra a aplicabilidade das análises discursivas pautadas no design como veiculador de discursos. Também demonstra que a história do design tem presença em contextos distintos, e que não só é possível como é desejável observar de forma crítica como o design potencializa determinadas normas, abstraindo-se inclusive do próprio termo enquanto designador de uma atividade específica ou de um profissional, possibilitando a tomada de perspectivas como as de Foster (2002), que situa o design em discussões importantes sobre a materialização de valores e ideias, afinal “a questão central, portanto, não é saber se o design corrompe ou não a realidade

humana, mas *como* ele já se tornou indispensável nos processos de gestação, manutenção e reprodução dessa mesma realidade.” (BECCARI, 2020, p. 94, grifo original).

Referências

A TERRA é Plana. Direção: Daniel J. Clark. Produção: Caroline Clark e Nick Andert. Los Angeles: Delta-v Productions, 2018. (96 min). Disponível em: <https://www.behindthecurvefilm.com/> Acesso em: 24 jul. 2023.

BECCARI, Marcos. Das Coisas Ao Redor: discurso e visualidade a partir de Foucault. São Paulo: Almedina, 2020.

CASTRO, Edgardo. Vocabulário de Foucault: Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução: Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

ESCOBAR, Bolivar; SILVA, Mauricio; BECCARI, Marcos. “O Método Arqueológico de Foucault: Uma perspectiva do Design da Informação”. In: 10º Congresso Internacional de Design da Informação e 10º Congresso Nacional de Iniciação Científica em Design, 2021, Curitiba. São Paulo: Blucher Design Proceedings, 2021, p. 1384-1395.

FOSTER, Hal. Design and Crime (and Other Diatribes). Londres: Verso, 2002.

FOUCAULT, Michel. Ditos e Escritos V: Ética, sexualidade, política. Tradução: Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 2004.

FOUCAULT, Michel. A Hermenêutica do Sujeito. Curso dado no Collège de France (1981-1982). São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GARWOOD, Christine. Flat Earth: The History of an Infamous Idea. Londres: Macmillan, 2007.

RATI, Bianca; BECCARI, Marcos. A dimensão retórica e a dimensão discursiva no design gráfico. São Paulo: Revista Brasileira de Design da Informação. v. 17, n. 1, 2020, p. 170 – 183.

RATI, Bianca. O discurso do design gender-neutral: uma análise foucaultiana no design. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2021.

ROWBOTHAM, Samuel. Zetetic Astronomy: Earth Not a Globe. Mansfield: Martino Fine Books, 2017.

SENNETT, Richard. O declínio do homem público: as tiranias da intimidade. Rio de Janeiro: Record, 2014.

WILLIAMS, Raymond. Cultura e sociedade: De Coleridge a Orwell. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.